

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 19

AIL Associação Internacional
de Lusitanistas
A associação internacional de estudos lusófonos

SANTIAGO DE COMPOSTELA
2013

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos directivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Directivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceites polo Conselho Directivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Directivo

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra
cristinacordeiro@hotmail.com

2.ª Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

Secretário-Geral: Roberto López-Iglésias Samartim, Univ. da Corunha,
rlopez-iglesias@udc.es

Vogais: Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. de Roma «La Sapienza»); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Laura Cavalcante Padiha (Univ. Fed. Fluminense); Manuel Brito Semedo (Univ. de Cabo Verde); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Pál Ferenc (Univ. ELTE de Budapeste); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Roberto Vecchi (Univ. Bolonha).

Associe-se pela *homepage* da
AIL: www.lusitanistasail.org
Informações pelos *e-mails*: secretaria@lusitanistasail.net

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 19 – Junho de 2013

Diretor:

Elias J. Torres Feijó

Editora:

Raquel Bello Vázquez

Conselho Redatorial:

Andrés José Pociña Lopez, Anna Maria Kalewska, Axel Schönberger, Clara Rowland, Cleonice Berardinelli, Helder Macedo, Maria Luísa Malato Borralho, Sebastião Tavares Pinho, Sérgio Nazar David, Ulisses Infante, Vera Lucia de Oliveira. Por inerência: Benjamin Abdala Junior, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helena Rebelo, Laura Cavalcante Padilha, Manuel Brito Semedo, Onésimo Teotónio de Almeida, Pál Ferenc, Petar Petrov, Regina Zilberman, Roberto López-Iglésias Samartim, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereços eletrônicos: veredas@lusitanistasail.net; revista.veredas@gmail.com

Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Campus na nube, Santiago de Compostela, Galiza

ISSN 0874-5102

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Nota introdutória..... | 7 |
| BARBARA GORI | |
| Antero de Quental e o (des)encanto com o naturalismo metafísico alemão..... | 9 |
| CLAUDETE DAFLON | |
| Uma proposta de reflexão: literatura e ciência entre luso-brasileiros setecentistas..... | 25 |
| FILIPA MEDEIROS | |
| «Cantando espalharei por toda a parte» Estratégias de <i>marketing</i> político no Barroco: os emblemas fúnebres em honra da rainha D. Maria Sofia Isabel..... | 49 |
| MARIA APARECIDA RIBEIRO | |
| Moema, um episódio romântico no Barroco brasileiro e suas projeções até os nossos dias..... | 71 |
| MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA | |
| D. Francisco Manuel de Melo, autor e ator da «comédia do tempo»..... | 93 |
| MARIA TERESA NASCIMENTO | |
| A devoção mariana no diálogo português do Barroco..... | 137 |
| REGINA ZILBERMAN | |
| O <i>Resumo de História Literária</i> , de Ferdinand Denis: história da literatura enquanto campo de investigação..... | 149 |
| ROLF KEMMLER | |
| Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latino-portuguesa nos séculos XV a XIX..... | 173 |
| SARA AUGUSTO | |
| <i>Ut pictura fictio</i> . Ficção romanesca do maneirismo e do barroco..... | 205 |
| SOCORRO DE FÁTIMA P. BARBOSA | |
| A introdução às <i>Cartas Chilenas</i> ou <i>Epístola a Critilo</i> e a murmuração da corte no primeiro reinado..... | 229 |

Nota introdutória

O presente número da revista *Veredas* é um monográfico dedicado aos estudos devotados a um dos períodos menos atendidos dentro dos estudos lusófonos, o que decorre entre a morte de Luís de Camões e o início do Romantismo.

Em 2012, a Associação Internacional de Lusitanistas, ciente da lacuna que afetava ao referido período, convocou especialistas em diferentes áreas da produção cultural dos séculos XVII e XVIII a participarem num colóquio em Budapeste. Pedia-se a apresentação de trabalhos arriscados, pesquisas em andamento, hipóteses ainda em fase de comprovação. Após o colóquio, com interessantes e intensos debates, foi oferecido às pessoas participantes elaborarem as suas comunicações como artigos e submetê-los a publicação na revista *Veredas*.

Os textos foram submetidos à revista e avaliados pelo sistema convencional de duplo cego. Parte deles são agora aqui recolhidos, outros serão publicados em próximos números da revista. Todos eles beneficiaram de um elevado grau de elaboração, e a prova disto é que frente a um índice de aprovação média que não alcança 50% dos originais submetidos à *Veredas*, nesta ocasião a percentagem de aprovação de trabalhos superou 70%. O resultado, é um volume em que aspectos pouco tratados nos estudos lusófonos são estudados com uma elevada qualidade científica, oferecendo não apenas resultados novos e inovadores, mas também novos trilhos pelos quais a pesquisa poderá ser desenvolvida nos próximos anos.

Raquel Bello Vázquez

Editora

Antero de Quental e o (des)encanto com o naturalismo metafísico alemão

BARBARA GORI

Universidade de Pádua

RESUMO

O objetivo do artigo é o de investigar quais foram os contatos que Antero de Quental – grande interessado em conhecer, reconstituir e divulgar a filosofia do seu tempo – teve com os autores e as obras que consolidam a *Naturphilosophie* e quais são, conseqüentemente, as influências dos mesmos na sua obra principalmente poética. Antecipando e sintetizando os resultados, pode-se afirmar que Antero não permanece alheio à extrema importância que o pensamento dos autores da *Naturphilosophie* assume na filosofia contemporânea e, incitado pelo imanentismo emergente, não tem pejo em considerá-los embaixadores do panteísmo espiritualista que, no seu modo de ver, percorre as essenciais orientações do pensamento moderno. Três são os conceitos que são desenvolvidos porque considerados permeáveis às influências dos pensadores da *Naturphilosophie*: evolução, finalidade e espontaneidade. E são os poemas *Voz Interior* e *Diálogo* as composições poéticas em que a concepção sombria do mundo natural adotada pelos pensadores alemães não deixa de espelhar-se. O poeta dos *Sonetos Completos* reconhece portanto a importância de Goethe e Schelling na abertura do espírito das novas gerações e na moderna filosofia da natureza. Contudo, cedo se acha imobilizado no seio desta forma transcendente de naturalismo. Representantes de uma filosofia da natureza puramente especulativa, segundo Antero, os autores do naturalismo metafísico alemão traduzem um pensamento demasiadamente contemplativo, uma mundividência gelada e inerte. Antero acusa-os de falsa religiosidade, afirmação esta que poderá ser entendida no sentido de que o naturalismo idealista desrespeita, em última instância, a autonomia e a supremacia essencial do espírito, não operando a esperada relação entre realidade cósmica e o plano autenticamente metafísico do ser,

uma vez que, em si mesmo, aniquila o espírito por identificá-lo com a natureza. Por esse motivo, Antero reduz a opção naturalista, embora a considere elevada e harmônica, a um mero paganismo intelectual e requintado.

Palavras-chave: Antero de Quental; Naturalismo; Johann Wolfgang Goethe; Friedrich Schelling; *Naturphilosophie*; Filosofia da Natureza.

ABSTRACT

The object of this study is to investigate the contacts that Antero de Quental –much interested in knowing, reconstructing and spreading the philosophy of his time– had with the authors and the works that consolidated the *Naturphilosophie* and which were the influences of the same in his poetic work. Anticipating the results, we can say that Antero doesn't remain oblivious to the extreme importance that the thinking of the authors of the *Naturphilosophie* assumes in contemporary philosophy and, spurred by emerging immanentism, he has no qualms about considering them as spiritual ambassadors of pantheism that runs the essential guidelines of modern thought. There are three concepts that are considered permeable to the influences of *Naturphilosophie* thinkers: evolution, finality and spontaneity. And the poems *Voz Interior e Diálogo* are the poetic compositions in which the conception of the natural world adopted by German thinkers never ceases to mirror themselves. The poet of the *Sonetos Completos* therefore recognizes the importance of Goethe and Schelling at the opening of the spirit of the new generations and the modern philosophy of nature. However, early he finds himself immobilized in this transcendent form of naturalism. Representatives of a purely speculative philosophy, according to Antero, the authors of German metaphysical naturalism translate a too contemplative thought, a cold and inert worldview. Antero accuses them of false religion, an assertion which can be understood in the sense that it disrespects the essential autonomy and supremacy of the spirit, not operating at expected re-connection between cosmic reality and genuinely metaphysical plane of being, since, in itself, kills the spirit by identifying it with nature. Therefore, Antero reduces the naturalistic option, despite he considers it high and harmonic, to a mere intellectual and refined paganism.

Keywords: Antero de Quental; Naturalism; Johann Wolfgang Goethe; Friedrich Schelling; *Naturphilosophie*; Philosophy of Nature.

Educado segundo os moldes do ultrarromantismo estabelecido, Antero de Quental faz soar desde muito cedo, numa atitude românticamente antirromântica, a sua voz dissidente, recusando curvar e submeter o seu espírito à herança literária de homens que, em *Bom Senso e Bom Gosto*, designava como «apóstolos do dicionário» (Salgado, 1982: 288), e que tinham em António Feliciano de Castilho o seu mais solene repre-

sentante. A polémica instaurada pelos estudantes de Coimbra no seio da Arcádia lisboeta, para a posteridade designada como *Questão Coimbrã*, leva Antero a afrontar esse seu antigo professor do Colégio do Pórtico num tom que tem tanto de cáustico quanto de excessivo, como o próprio Antero viria a confessar, anos mais tarde, numa carta ao seu tradutor alemão Wilhelm Storck (Quental, 1989b: 835):

O velho Castilho, o Árcade póstumo, como então lhe chamaram, viu a geração nova insurgir-se contra a sua chefatura anacrónica. Houve em tudo isso muita irreverência e muito excesso. [...] Havia na mocidade uma grande fermentação intelectual, confusa, desordenada, mas fecunda: Castilho que a não compreendia, julgou poder suprimi-la com processos de velho pedagogo.

Em causa está a ameaça, levada a cabo pelos círculos académicos dos chamados românticos da primeira geração,¹ à liberdade e à autonomia do espírito e ao conseqüente compromisso do progresso intelectual, social e, sobretudo, moral de toda a humanidade.² Os ecos desse movimento de resistência emergente ressoam na publicação de um vasto conjunto de opúsculos e críticas contundentes, mas também nas animadas tertúlias estudantis que se tornam fervorosos meios de divulgação do novo ideário e da conseqüente agitação social. Segundo as famosas palavras de Eça de Queirós (s/d: 485):

Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes num grande tumulto mental. Pelos Caminhos de Ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da

1 Cf. António Machado Pires, 1991: 171. Machado Pires sublinha a distinção entre as três gerações do Romanismo em Portugal –a primeira de Garrett e Herculano, a segunda de Camilo Castelo Branco e a terceira da *Geração de 70*– e refere-se à paradoxal atitude românticamente antirromântica de Antero e dos seus companheiros geracionais.

2 Sobre o protesto moral de Antero veja-se em particular: Hernâni Cidade, 1988, pp. 65-67; João Medina, 1972: 43.

França) torrentes de coisas novas, ideias, systemas, estheticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo.

E é dos países de além-Pirenéus que surgem, e a partir deles que se propagam, ideias e orientações de uma forma de romantismo diferente, desta feita empenhada na viva e profícua comunicação com as inquietações e angústias do tempo presente. Autores bem familiares a Antero, como Alphonse de Lamartine e Victor Hugo, inscritos no longo esforço romântico de combater a rígida racionalidade iluminista dos séculos XVII e XVIII, aliam, nas suas obras, a reflexão à emoção e ao símbolo estético, e conferem à literatura – e por extensão à Arte – a corresponsabilização por uma humanidade em profunda mudança. Enquanto importante movimento configurador da cultura europeia do final do século XVIII, esse romantismo estrutura-se como compreensão total e integral do mundo e da existência, o que lhe exige uma visão que, ao invés de isolar o elemento humano, o situa no seio do Cosmos em que reside.³

E se é verdade que, de regresso ao excerto queirosiano, todas as referências que estimulam os jovens pensadores portugueses provêm da França, é também verdade que nem todas têm nela o seu terreno originário. O germanismo também conquista um lugar de destaque entre o frenético caos das leituras de Antero e dos seus companheiros que, diferentemente dos românticos portugueses da primeira geração, assimilam em profundidade os conceitos dos pensadores alemães dos séculos XVIII e XIX, que não ficam alheios ao domínio das ciências da natureza. Pelo contrário, é no saber romântico da natureza que alicerçam o projeto de restauração de uma filosofia do Homem e do Universo enquanto sujeitos de um mesmo princípio imanente de inteligibilidade. Essa orientação germânica da mundividência romântica, desenvolvida entre os finais do século XVIII e a primeira metade do século XIX, recebe o nome de *Naturphilosophie*, expressão privilegiada e sem equivalente linguístico, da

3 Cf. Georges Gusdorf, 1993, pp. 361-362.

qual são arautos o poeta Johann Wolfgang Goethe e o filósofo Friedrich Schelling.⁴

O postulado inicial da *Naturphilosophie* repousa na compreensão unitária da natureza, uma vez que recusa o princípio de objetividade que coloca frente a frente homem e mundo –enquanto domínios que partilham uma mútua estranheza– e, dessa forma, permite afirmar uma continuidade e uma integralidade de sentido. Binômios conceptuais como visível e invisível, matéria e espírito, corpo e alma, microcosmos e macrocosmos abandonam um registo dicotômico em prol da leitura que os coloca em íntima e identificativa dinâmica comunicacional. O homem não é o detentor exclusivo do espírito e do princípio de inteligibilidade, à maneira da modernidade de feição cartesiana, mas antes o órgão de pensamento e de manifestação da própria natureza.⁵

Ao conceber o homem como legítimo descendente do Universo, cuja filiação e pertença naturais são indiscutíveis, a *Naturphilosophie* recupera o paradigma grego do Cosmos como horizonte de uma inteligibilidade unitária. Note-se a esse propósito que o título escolhido por Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista, explorador e botânico alemão, irmão do mais famoso Wilhelm –naturalista lendário segundo Antero (Quental, 1991: 95)– para uma das suas obras é precisamente *Kosmos*, palavra que já pela carga etimológica transporta em si as ideias de proporção, harmonia ou, mais especificamente do Universo como um todo ordenado. Esta última referência não deixa de ter consequências na elaboração da conceção anterior da natureza de que o autor do *Progra-*

4 Sobre esta tendência da filosofia alemã, esclarece Georges Gusdorf: «A *Naturphilosophie* é o fundamento da visão romântica do mundo. A visão do mundo não é o olhar do observador que desliza sobre a superfície das coisas; [...] A visão do mundo é presença no mundo» (Cf. Georges Gusdorf, 1993, pp. 365-366).

5 A consequência mais marcante desta nova visão do mundo prende-se precisamente com o divórcio em relação às tendências mecanicistas que, insistindo no hiato entre matéria e espírito, perspectivam a primeira enquanto simples reduto de extensão e movimento. Saindo desta tendência, a *Naturphilosophie* liberta o mundo natural da redutibilidade determinística e confere-lhe o regresso ao profundo sentido da vida e dos valores. Ainda que se distinga desta leitura, Antero permanecerá sempre devedor da (re) consideração alemã pela natureza.

ma para os *Trabalhos da Geração Nova* se ocupa por volta de 1874.⁶ Se considerarmos que um dos capítulos do primeiro volume projetado para o *Programa* se intitula precisamente *O Cosmos e a Evolução*, somos levados a concluir que a leitura anterior da obra de Humboldt não é empresa fortuita ou ocasional.

Grande interessado em conhecer, reconstruir e divulgar a filosofia do seu tempo, Antero inevitavelmente contacta com os autores e as obras que consolidavam a *Naturphilosophie*. A leitura e o estudo que o pensador açoriano vota a Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), e em especial a *Fausto*, transformam esta obra numa das responsáveis pelo acesso anterior ao pórtico do pensamento germânico e até à própria língua alemã.⁷

A intensa impressão causada por Goethe não só em Antero –que o define como «poeta, artista, naturalista, por cima disso viajante e homem do mundo, tendo também uma clara orientação filosófica»⁸– mas em todos os jovens espíritos portugueses do tempo que, como Antero, vivem ávidos de novas e cada vez mais completas perspectivas sobre a existência, é comprovada na expressão com que Eça de Queirós (s/d: 485) se lhe refere, no *In Memoriam*: «Goethe, vasto como o Universo».

Mediante a prática da observação rigorosa e atenta da natureza, o autor de *A Metafísica das Plantas* (1790, *Versuch die Metamorphose der*

6 Veja-se em particular a carta a Oliveira Martins, de 26 de Março de 1874 (Cf. Antero de Quental, 1989a: 242).

7 Veja-se a carta autobiográfica a Wilhelm Storck de 14 de Maio de 1887 (Cf. Antero de Quental, 1989b: 834). Segundo José Bruno Carreiro, Antero terá iniciado a leitura de Goethe nos anos de Coimbra e só mais tarde, por volta de 1867, terá começado a aprendizagem como autodidata do alemão (Cf. José Bruno Carreiro, 1991: 402). De notar ainda a vasta presença do escritor alemão na livraria de Antero que, para além de pelo menos três edições diferentes de *Fausto*, está apetrechada com uma edição, de quinze volumes, das *Obras Completas* de Goethe. Antero traduz algumas partes do *Fausto*, publicadas umas, votadas à destruição outras, como minuciosamente explica Carolina Michaëlis de Vasconcelos no artigo «Antero e a Alemanha», do *In Memoriam*. O mesmo facto é ainda corroborado pelas cartas de Antero a Francisco Machado de Faria e Maia de fevereiro/março de 1871 e a Alberto Sampaio de 8 de abril de 1875 (Cf. Antero de Quental, 1989a, pp. 116; 279).

8 Cf. Antero de Quental, 1991: 131.

Pflanzen zu erklären), porventura a face menos conhecida dos trabalhos de Goethe, concebe o mundo natural como uma totalidade orgânica e viva –organizada segundo arquétipos ou princípios internos unificados existentes nos seres individuais– e um contínuo processo de metamorfose desses princípios espirituais. Num registo muito próximo dos textos anteriores produzidos entre 1860 e 1866,⁹ Goethe apresenta uma visão proteica da natureza enquanto criadora incessante de novas formas que, por toda a parte, cercam e envolvem o homem. A natureza, utilizadora de várias máscaras mas cuja face permanece no fundo sempre idêntica, serpenteia o ser humano que, rodeado por essa teia universal, se torna duplamente impotente, quer para escapar ao cósmico abraço do mundo, quer para dominar plenamente o conhecimento dos seus meandros.¹⁰ Este pensador da *Naturphilosophie* acentua três importantes aspectos configuradores da ideia de natureza, posteriormente legados ao pensamento anterior: há na vida fim e movimento eterno. Pelo primeiro aspeto denuncia que, para além do plano material fenoménico apreensível pela positividade do conhecimento científico, há no Cosmos lugar e dimensões irredutíveis ao determinismo mecânico;¹¹ pela segunda referência, sublinha a dimensão teleológica da sua visão; e, pela terceira, apresenta o Universo segundo um eterno progresso dinâmico.

9 São as palavras de Antero quando o autor se refere, em «O Sentimento da Imortalidade», ao universo em suas mil formas e, em «*A Bíblia da Humanidade* de Michelet», a Proteu prodigioso de mil formas, de inúmeros vultos inesperados, em toda a parte diverso, e em toda a parte o mesmo sempre, todavia! Mil faces, e uma só alma (Cf. Antero de Quental, 1991, pp. 33; 15).

10 Goethe aproxima-se neste ponto da concepção de Pascal que apresenta o homem face à natureza como um meio termo entre dois abismos, como um ser maximamente débil pela fragilidade da sua constituição física, porém maximamente elevado pela dignidade da sua componente inteligível, por isso denominado *vime pensante*.

11 Sendo a epistemologia romântica construída com base numa lógica de implicação e de inclusão das várias dimensões da realidade, é apenas contra a mistificação científica que se insurge Goethe e não contra toda e qualquer abordagem científica, até porque o poeta de *Fausto* foi também ele um homem de ciência. Também Antero procurará, no seu pensamento filosófico, conciliar ciência e especulação como única via possível para legitimar uma autêntica filosofia da natureza.

Mas é sobretudo através do apoio especulativo-filosófico de Friedrich Schelling (1775-1854) que a *Naturphilosophie* pode insistir na constituição hierárquica da natureza, segundo uma dinâmica gradativa que culmina no ser humano. Nas linhas gerais do seu pensamento, o autor de *Ideias para uma Filosofia da Natureza* (1797, *Ideen zu einer Philosophie der Natur*) concebendo a última como um processo contínuo e unitário, formula as relações entre espírito e natureza no âmbito de uma unidade originária. Natureza e vida constituem dois aspetos de uma mesma instância, sendo o homem (razão especulativa) pura e simplesmente matéria espiritualizada e, concomitantemente, a autêntica razão de ser, ou finalidade, para a qual concorre o princípio evolutivo da realidade universal.

Friedrich Schelling, ainda hoje para o pensamento contemporâneo conotado como o filósofo da natureza, reconhece a importância fulcral da filosofia da identidade e equaciona a resolução identificativa final entre natureza e espírito: derivados a partir de um mesmo princípio originário, a primeira mais não é do que espírito na forma visível e o segundo apenas natureza em forma invisível. Entre o mundo real objetivo e o subjetivo eu humano, não há uma diferenciação em termos de substâncias ou essenciais: um e outro animam a odisseia do espírito, desdobrado na múltipla riqueza da natureza e concentrado na consciência autorreflexiva do homem. A perfeita compenetração dos dois planos implica que, por um lado, o espírito só aceda ao conhecimento de si mediante o ponto culminante do processo de ação contínua que constitui a natureza, ou seja, a racionalidade humana; e, por outro lado, afirma a idealidade que preside ao mundo natural, instaurando a natureza como um sistema dinâmico, unificado e teleológico e, por isso mesmo, revelador do mundo espiritual. Assim sendo, recusando antever o mundo natural como uma coletânea de factos e acontecimentos, Schelling insiste numa visão holística da ideia de natureza. Enquanto atividade contínua ou devir, a natureza é animada por um princípio de movimento espontâneo que, de acordo com o carácter orgânico que lhe é próprio, a assegura enquanto potência autónoma.

Desta feita, não poderia o professor de Iena contentar-se com a matriz mecanicista de explicação do movimento natural. Uma vez que

a ideia de natureza aqui se assume como um processo, uma via dirigida segundo um princípio organizativo próprio, o fluxo de causas e efeitos inegavelmente presentes no plano físico comporta fronteiras demasiado limitadas à sua integral compreensão. Schelling define o movimento natural como uma intensa atividade produtora e, na senda das tendências da *Naturphilosophie*, dirige-se para a visão integradora do mecanicismo na perspectiva organicista. O núcleo essencial que permite ao pensador alemão concretizar semelhante orientação filosófica reside no conceito de finalidade. A autonomia e a espontaneidade que definem a evolução do movimento cósmico exigem o estabelecimento de um determinado fim que lhe seja inerente. Esta categoria filosófica evidencia, por isso, a inteligibilidade da natureza enquanto sistema teleológico e cabe precisamente à reflexão especulativa conduzir o espírito, adormecido na natureza, ao vigilante e consciente regresso a si mesmo. Enquanto parte integrante da natureza, emergente do seu seio, compete ao homem fazer despertar o espírito da latência em que se encontra e conduzi-lo ao plano autocognoscitivo.

Antero não permanece alheio à extrema importância que o pensamento de Schelling assume na filosofia contemporânea.¹² Incitado pelo imanentismo emergente, Antero considera Schelling um dos embaixadores do panteísmo espiritualista que, no seu modo de ver, percorre as orientações essenciais do pensamento moderno.¹³ E é em particular

12 Pelo que consta no seu espólio bibliográfico, Antero não possuía nenhuma obra da autoria de Schelling, nem pelo legado epistolar temos qualquer indicação nesse sentido. Todavia, através da sua prosa conclui-se que teve conhecimento da obra do filósofo alemão e, de acordo com o catálogo da livraria de Antero, sabemos inclusivamente que estava na posse de títulos como *Die romantische Schule* de Heine (1836) ou *Die Geschichte der deutschen Philosophie seit Leibniz* de Zeller (1875) onde, com grande probabilidade, colheu ensinamentos relativos às teses defendidas por Schelling. Para reiterar a hipótese deste conhecimento se ter processado por via indireta e através de obras de feição generalista, ressalvamos que nos textos filosóficos Antero jamais se dedica a um comentário exclusivo das teses do pensador alemão, mas pelo contrário referencia Schelling sempre em consonância com outros filósofos coetâneos, em particular Hegel e até mesmo Fichte.

13 Veja-se a carta a Tommaso Cannizzaro de 5 de setembro de 1886 (Cf. Antero de Quental, 1989b: 786).

o conceito de evolução que Antero assume como vetor determinante do seu próprio pensamento em torno da ideia de natureza.

O investimento na reconfiguração da noção filosófica de natureza constitui, segundo Antero, não apenas a mais-valia da modernidade como também aquilo que a transforma num período especulativo essencialmente específico.¹⁴ Esta viragem para o naturalismo respeita a perspetivação dinâmica e autónoma do Universo natural e, nesse sentido, o pensamento idealista de Schelling assume a evolução como a matriz do desenvolvimento de todo o ser e não apenas como reduto da empírica dimensão cósmica. A clarividência do filósofo alemão face à relevância do conceito de evolução, noção estrutural da modernidade, coloca-o para Antero entre os autores que não só assinalam uma teoria geral do desenvolvimento como inevitável orientação filosófica após o século XVIII,¹⁵ mas também, e principalmente, fundam essa mesma teoria no domínio idealista.¹⁶

A tradução poética destes conceitos pode ser considerada o soneto *Evolução*, que pertence à última fase da criação poética de Antero, a dos anos 1880-1884 (Quental, 2002: 140):

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paul, glauco pascigo...

Hoje sou homem –e na sombra enorme
Vejo, a meus pés, a escada multiforme,
Que desce, em espirais, na imensidade...

14 Cf. Antero de Quental, 1991: 111.

15 *Ibid*: 112.

16 *Ibid*: 128.

Interrogo o infinito e às vezes choro...
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro
E aspiro unicamente à liberdade.

Trata-se de uma composição poética de extrema riqueza simbólica, já que cada um dos seus elementos encarna gradativamente um aspecto da existência, desde a imobilidade da rocha até ao homem enquanto pilar cósmico. Relato do espírito na primeira pessoa, o soneto apreende-o na forma humana, ponto privilegiado do itinerário cósmico pois permite o balanço e o reconhecimento quer do percurso anterior quer do rumo posterior. É na passagem da última quadra para o primeiro terceto que o sujeito poético faz o ponto da situação. Enquanto homem, o espírito antevê-se à maneira de Pascal entre dois infinitos: a escadaria multiforme dos seres naturais aquém e o infinito vácuo da liberdade além. Cidadão de dois mundos, o homem reconhece-se rocha, árvore, onda, fera e monstro, numa sucessão existencial marcada pela cegueira das forças orgânicas e naturais, pelo darwiniano «*struggle for life*» empírico. Mas, para lá da apreensão desse estado de treva e incógnita, abre-se o infinito plano da liberdade, ainda tocado de pranto e incerteza: interrogando (n) o vácuo, o espírito reconhece então o *telos* que orienta a sua marcha e, pela decifração de cada um dos graus ônticos de manifestação do ser, encontra-se apto a compreender o sentido último do processo evolutivo.

António Sérgio considera ser este soneto o espaço privilegiado de encontro entre as teorias materiais do evolucionismo biológico e o sistema hegeliano do evolucionismo conceptual (ou metafísico): o primeiro, presente nas duas quadras, retrata a passagem material de uma espécie para outra; o segundo, patente nos dois tercetos, diz respeito ao movimento ascensional dialético, cuja causa final é a liberdade.¹⁷ Na desenfreada procura de conciliação entre determinismo e liberdade, Antero promove nesta específica composição uma harmónica visão entre a evolução de matriz darwiniana e a evolução da Ideia hegeliana. Na síntese concertada que sempre tencionou defender, Antero demonstra

17 Cf. Antero de Quental, 1984: 222.

também aqui ocupar-se da reabilitação dos diversos correlatos da ideia de evolução. Seja enquanto expressão científica, seja no seu desenvolvimento metafísico, a filosofia deve cultivar a polimórfica matriz do conceito de evolução, a fim de não empreender uma visão lacunar e circunscrita da natureza.

Orientado pela influência de Schelling, Antero alarga portanto o processo de gradativo desenvolvimento do Universo a um fundamento metafísico, defendendo que a lei suprema das coisas se confunde com a sua finalidade e que essa é uma finalidade de cariz espiritual.¹⁸ Pelo esforço empreendido em prol da sedimentação transcendental da perspectiva teleológica, Antero atribui a Schelling, em parceria com Hegel, a paternidade da moderna filosofia da natureza,¹⁹ responsável por redimensionar organicamente o Universo. Desta feita, a esfera final ou *tipo último*, para utilizar a linguagem anterior, do dinamismo que anima a natureza constitui-se pelo espírito que, de forma imanente, instaura a progressiva hierarquia necessária ao cumprimento do evoluer ontológico.

Para além destes aspetos que atestam a proximidade do pensamento de Antero à mundividência filosófica de Schelling, o estudo da dívida especulativa do poeta-filósofo para com o pensador alemão poderá percorrer aspetos variados ainda dentro do desenvolvimento da ideia de natureza. Quando se refere à atividade incessantemente criadora que a anima e constitui, patenteando um princípio de metamorfose ou devir, Schelling aproxima-a da imagem de Proteu. E se é possível ler pela mão de tal divindade mítica uma possível proposta anterior de um determinado regresso especulativo do homem ao seio cósmico, na significação simbólica de Proteu enquanto representação do inconsciente, devemos também estabelecer através dessa categoria uma outra contribuição de Schelling, talvez escudado por Hartmann, para a filosofia anterior, desta feita já na linha da noção de espontaneidade. Embora Antero não o mencione no precoce ensaio intitulado precisamente *Espontaneidade*, Schelling ocupa um lugar de destaque na galeria de pensadores que es-

¹⁸ Antero de Quental, 1991: 128.

¹⁹ *Ibid*: 105.

tão na origem da distinção filosófica essencial, referida nesse texto de 1866, entre espírito e consciência.²⁰

Ainda noutro aspecto aproximativo dos dois pensadores, a conceção sombria do mundo natural adoptada por Schelling, aberta a categorias como o terrível e o violento, não deixa de espelhar-se em composições poéticas do *corpus* anterior, como são os casos dos versos de *Voz Interior*, quando por exemplo o poeta fala do «Universo monstruoso» (Quental, 2002: 151) ou de *Diálogo* (Quental, 2002: 102):

A cruz dizia à terra onde assentava,
Ao vale obscuro, ao monte áspero e mudo:
– Que és tu, abismo e jaula, aonde tudo
Vive na dor e em luta cega e brava?

Sempre em trabalho, condenada escrava,
Que fazes tu de grande e bom, contudo?
Resignada, és só lodo informe e rudo;
Revoltosa, és só fogo e hórrida lava...

Mas a mim não há alta e livre serra
Que me possa igualar!... amor, firmeza,
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espírito, a luz!... tu és a tristeza,
Oh lodo escuro e vil! – Porém a terra
Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!

Mas porventura o mais relevante subsídio implícito de Schelling no pensamento de Antero encontra-se na componente antropológica dos seus sistemas. Personificação por excelência da natureza, o homem constitui para Schelling o culminar da odisseia do espírito, já que, enquanto ser originariamente natural, é o único portador do código de interpretação da evolução cósmica. Por seu turno, Antero termina a sua

20 *Ibid*: 47.

viagem especulativa precisamente no mais íntimo sentimento moral da consciência humana, ainda que este pensamento esteja em face de um reducionismo antropológico.

É, portanto, indiscutível a permeabilidade do pensamento anteriano à integral (re)valorização organicista da natureza, em prol da qual pesam nomes da *Naturphilosophie* como Goethe e Schelling. O poeta dos *Sonetos* reconhece a importância de Goethe na abertura do espírito das novas gerações e, como vimos, atribui a Schelling a paternidade da filosofia da natureza moderna. Contudo, cedo o filósofo açoriano se acha imobilizado no seio desta forma transcendente –ou talvez devesse ter dito transcendental?– de naturalismo.

Representantes de uma filosofia da natureza puramente especulativa, segundo Antero, os autores do naturalismo metafísico-filosófico de feição alemã traduzem um pensamento demasiadamente contemplativo, uma *Weltanschauung* gelada e inerte pela perspectiva truncada que fornece. E quando Antero pensa nos limites do naturalismo metafísico alemão, pensa em três filósofos: Goethe, Schelling, mas também Hegel, embora o autor da *Fenomenologia do Espírito* seja uma das referências essenciais do texto da sua maturidade filosófica, as *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*. Na carta autobiográfica a Wilhelm Storck, Antero acusa-os de falsa religiosidade, afirmação esta que –quando revestida da sua mais radical significação etimológica– poderá ser entendida no sentido de que o naturalismo idealista desprezita, em última instância, a autonomia e a supremacia essencial do espírito, não operando a esperada re-ligação entre a realidade cósmica e o plano autenticamente metafísico do ser, uma vez que, em si mesmo, aniquila o espírito por identificá-lo com a natureza. Por esse motivo, Antero reduz a opção naturalista, embora a considere elevada e harmónica, a um mero paganismo intelectual e requintado. Será através de Leibniz (1646-1716) que a filosofia do autor das *Tendências* acede à única perspectiva filosófica que, parecendo traduzir legitimamente a total explicação do Universo, atende à diferenciação entre natureza e espírito enquanto entidades em si irredutíveis, ainda que intimamente correlacionadas.

REFERÊNCIAS

- CARREIRO, José Bruno. *Antero de Quental. Subsídios para a Sua Biografia*. vol. 1, Braga. Instituto Cultural de Ponta Delgada/Livraria Editora Pax, 1991.
- CIDADE, Hernâni. *Antero de Quental*. Lisboa. Editorial Presença, 1988.
- GUSDORF, Georges. *Le Romantisme II: L'Homme et la Nature*. Paris. Éditions Payot et Rivages, 1993.
- MACHADO PIRES, António. «Antero Romântico». *Revista de História das Ideias*. 13, 1991.
- MEDINA, João. *Eça de Queiroz e o Seu Tempo*. Lisboa. Livros Horizonte, 1972.
- QUEIRÓS, Eça de. *Notas Contemporâneas*. Lisboa. Livros do Brasil, [s/d].
- QUENTAL, Antero de. *Sonetos*. Organização, introdução e notas de Nuno Júdice. Lisboa: INCM, 2002.
- QUENTAL, Antero de. *Filosofia*. Organização, introdução e notas de Joel Serrão. Lisboa. Editorial Comunicação/Universidade dos Açores, 1991.
- QUENTAL, Antero de. *Cartas I*. Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa. Editorial Comunicação/Universidade dos Açores, 1989a.
- QUENTAL, Antero de. *Cartas II*. Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa. Editorial Comunicação/Universidade dos Açores, 1989b.
- QUENTAL, Antero de. *Sonetos*. Edição, organização e notas de António Sérgio. Lisboa: Sá da Costa, 1984.
- SALGADO, António. *Prosas da Época de Coimbra*. Lisboa. Livraria Sá da Costa Editora, 1982.

